

# Chegou a hora de a onça beber água

Está para começar a quarta e última onda da campanha presidencial de 1989. A primeira onda foi a dianteira alcançada pelos candidatos cujos partidos saíram fortalecidos da eleição municipal de 15.11.88, Lula e Brizola — entre janeiro e março deste ano. A segunda onda viu as preferências populares em favor de Lula despencarem frente à onda de grevismo selvagem e a subida repentina do candidato do **Botanic Garden** numa campanha publicitária bem sucedida, com a aparente estabilidade de Brizola em segundo lugar. A terceira onda começou em setembro com a campanha **collorida** despencando, e seu espaço político sendo ocupado pelo bom mocinho mais equilibrado, Afif Domingos. No início de outubro, porém, começou a ficar aparente que o candidato liberal havia perdido seu fôlego, sem tomar o segundo lugar de Brizola. No final de outubro; então, começa a quarta onda da campanha.

A onda final desta campanha é demasiadamente intrincada e complicada, por balisar um embolamento quase total de cinco candidatos: Collor de Mello, Lula, Brizola, Covas e Maluf — todos com possibilidades de chegar ao segundo turno.

Uma sequência de ondas deste tipo é comum em campanhas políticas no Brasil. Talvez, a campanha ondulada mais famosa foi a eleição de Leonel Brizola para governador do Estado do Rio de Janeiro em 1982. A primeira onda foi a de Sandra Cavalcanti (PTB) que durou até maio, seguida de Miro Teixeira (PP-PMDB) que durou até fins de agosto. A terceira onda foi de Leonel Brizola, quando se firmou nos debates na TV e no horário gratuito do TSE, que permitiram o candidato do PDT alcançar o primeiro lugar nas pesquisas. Mas, em outubro começou uma quarta onda de Moreira Franco (PDS) que foi marcada por uma ascensão vertiginosa do candidato apoiado pelo governo militar de João Batista Figueiredo, e um estancamento e ligeira queda de Brizola. Em 1982, a quarta onda da campanha fluminense só não derrotou Leonel Brizola porque começou muito tarde, sendo que o PDS demorou demais a colocar seu candidato na rua. As intrigas do então ministro Mário Andreazza em favor do engenheiro Ibraim retardou a convenção estadual do PDS, e Moreira Franco só pôde começar a sua campanha para valer em meados de agosto de 1982. Se a eleição fosse em 15.12.82, ou em dois turnos, certamente Brizola teria perdido para Moreira Franco.

Voltando à campanha de 1989, as últimas pesquisas da Toledo e Associados realizadas em 20-22 de outubro mostram uma contínua mas atenuada queda de Collor de Mello que chega a 22 por cento. Mostra, por outro lado, uma vertiginosa queda de Afif (de 13,5 para 8,2 por cento em dez dias). Estas quedas, paralelamente, são acompanhadas por subidas de outros três candidatos: Lula que empata com Brizola com 15,7 por cento; Covas com 11,9 por cento; e Maluf com 9,9 por cento.

Embora ainda teremos outras duas pesquisas deste tipo em 30-31 de outubro e 8-9 de novembro, é possível traçar algumas tendências diante destes dados. Se considerarmos que numa faixa de dez por cento (cinco para cima e cinco para baixo) seja uma margem de erro ou intervalo de confiança muito razoável, podemos chegar a 15 de novembro, no primeiro turno, com cinco candidatos embolados numa faixa de

15 a 25 por cento: Lula com 24-25 por cento, Covas com 21-22 por cento, Brizola com 18-19 por cento, Collor com 17-18 por cento e Maluf com 15-16 por cento. Isto quer dizer que, os dois candidatos que irão para o segundo turno, provavelmente não somariam 50 por cento dos votos no primeiro turno; e poderiam ter, no primeiro turno, uma pequena diferença na faixa de 3 a 5 por cento.

Nesta quarta onda final da campanha, o embalo tem uma importância vital, e todos tentam vender a imagem de que estão numa ascensão embaladíssima nas últimas semanas da campanha. Neste aspecto, dois candidatos estão em dificuldades — Collor e Brizola — o primeiro continua em queda livre, e o segundo estacionado. Nesta reta final da campanha presidencial, três candidatos estão com um embalo para cima Lula e Covas com maior velocidade, e Maluf com menos velocidade.

Esta situação bastante imprevisível no primeiro turno poderia dar combinações muito interessantes para o segundo turno, tipo: Lula x Covas, Lula x Brizola, Collor x Covas, Collor x Brizola, Collor x Lula. Esta última hipótese, tão sonhada e propagada pela campanha **collorida** (Collor x Lula) no segundo turno, é revelada como um grande mito pela última pesquisa da Toledo e Associados, pois resultaria num empate técnico de Collor com 43,6 por cento e Lula com 43,1 por cento. Estes resultados são bastante consistentes, sendo que 15 dias atrás, quando a distância que separava Collor e Lula nas preferências para o primeiro turno era maior, Collor venceria folgadoamente este segundo turno simulado com Lula. Chegou a hora de a onça beber água.

Estes próximos quinze dias serão críticos em termos de definição do voto dos indecisos (tanto os indecisos históricos como os recentes), e a redefinição de votos até agora "comprometidos" — a nível de elites e do "povão".

Uma redefinição já parece estar em marcha; eleitores estão deixando Collor e Afif para engrossar as fileiras de Lula, Covas e Maluf. Se esta movimentação se tornar uma tendência (onda) forte nos próximos dias, pode ser condicionada por uma combinação de três fatores: 1) o voto útil; 2) índices de rejeição; e 3) as perspectivas para o segundo turno.

Os eleitores mais conservadores podem decidir em favor de Covas, sendo que Collor e Maluf têm maiores índices de rejeição, e Covas tem mais chances no segundo turno contra Brizola ou Lula. Por outro lado, eleitores mais à esquerda poderiam decidir em favor de Lula ou Brizola, por exemplo, em função do voto útil e das suas chances relativas contra Collor no segundo turno.

Em nível das elites mais conservadoras, o desaparecimento de Afif, e a crescente fraqueza de Collor, pode acuar bastante estas onças, a ponto de ter **descolloramentos** em massa. Mas, para onde vão, por exemplo: as classes produtoras da FIESP, a média nacional da CNI, ou os grandes caciques do Nordeste? Este último grupo está apreensivo, vendo as suas bases **descollorirem** aos poucos. Para as classes produtoras, o fantasma de Lula ou Brizola, ou, pior, Lula e Brizola no segundo turno, é assustador.

Por todas estas razões, o lance Sílvio Santos segue nesta direção; tentar virar o jogo na última cartada, ou mesmo que o dono, da SBT não entre no jogo, pelo menos consegue desequilibrá-lo.